

TRÂNSITOS NA CIDADE MODERNA LATINO-AMERICANA: UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO

Pedro H. A. de Morais
NPGAU/UFMG
pedromorais.arquiteto@gmail.com

Sempre considerei o passado não como algo morto, mas sim como uma parte integral da existência, o que me levou a entender cada vez mais a sabedoria de um ditado Bergsoniano, que diz que o passado corrói incessantemente o futuro. Tudo depende da maneira pela qual abordamos o passado. Uma coisa é considerá-lo um vocabulário útil, a partir do qual podemos selecionar formas e formatos. Assim fez o século XIX, ao utilizar o passado como uma fuga de sua própria época e mascarar-se sob a aparência de períodos passados. [...] Uma abordagem do passado somente se revela criativa quando o arquiteto é capaz de penetrar em seu conteúdo e significado internos. Quando o que se busca são apenas formas, ela torna-se um passatempo perigoso: arquitetura *playboy*. (Giedion, 2004, pp. 13-15)

Urbanismo moderno

O que se convencionou chamar urbanismo moderno e a ideia de que as cidades carecem de um planejamento adequado são, direta e indiretamente, decorrências da Revolução Industrial. O advento da industrialização incita o afluxo de grandes contingentes de trabalhadores do campo para a cidade, em busca de trabalho, do novo e do futuro. É também este fator que promove o aumento exponencial das dimensões das aglomerações urbanas, a partir de uma dinâmica de forças ao mesmo tempo centrípetas e centrífugas, na qual os centros urbanos se tornam fortes polos de atração de atividades e pessoas, promovendo paralelamente a expansão física desmesurada do urbano sobre o seu entorno imediato e sobre o campo.

Em um primeiro momento, no qual o planejamento urbano começa a se estabelecer como disciplina na Europa, diversas teorias são elaboradas com o intuito de definir e estabelecer parâmetros e métodos para sua aplicação. São relevantes proposições como as de Patrick Abercrombie, Patrick Geddes, Robert Owen, Ebenezer Howard e Raymond Unwin na Inglaterra, Ildefons Cerdá e Arturo Soria Y Mata na Espanha, Charles Fourier e Tony Garnier na França, além das já exaustivamente discutidas intervenções realizadas por Haussmann em Paris por solicitação de Napoleão III.

O advento do planejamento urbano a partir das condições mencionadas ensejou

o desenvolvimento do que se convencionou chamar “urbanismo moderno”. Desde princípios do século XIX profissionais oriundos de diversos campos elaboraram projetos e planos, muitas vezes utópicos, na tentativa de equacionar a nova realidade urbana que se afigurava diante das profundas modificações nos modos de produção e das novas escalas e tempos da cidade. Longe de serem homogêneas, tais proposições tinham em comum a busca de uma articulação coerente entre os espaços de produção (fabril ou agrícola), os serviços indispensáveis de apoio (escolas, comércio, serviços) e aquele que pode ser considerado o elemento fundamental da equação e que em última instância constitui – e sempre constituiu – a maior parte da cidade edificada, a habitação. Dentre as principais proposições urbanas surgidas neste sentido, de finais do século XIX a princípios do século XX, algumas destacam-se por terem alcançado maior repercussão, seja no campo puramente teórico ou em sua aplicação prática. Tais teorias poderiam ser agrupadas, por exemplo, assim:

Como utopias socialistas que propunham adequar e reger não apenas da cidade, mas a vida das pessoas na era industrial de modo integral, destacam-se os *Paralelogramos da Harmonia* de Robert Owen, executados em 1816 e 1825 na Inglaterra, o falanstério de Charles Fourier, postulado de 1822 a 1829 e o familistério executado por Jean-Baptiste Godin inspirado pelas ideias de Owen, Saint-Simon e de Fourier e executado em Guise, na França, de 1859 a 1884.

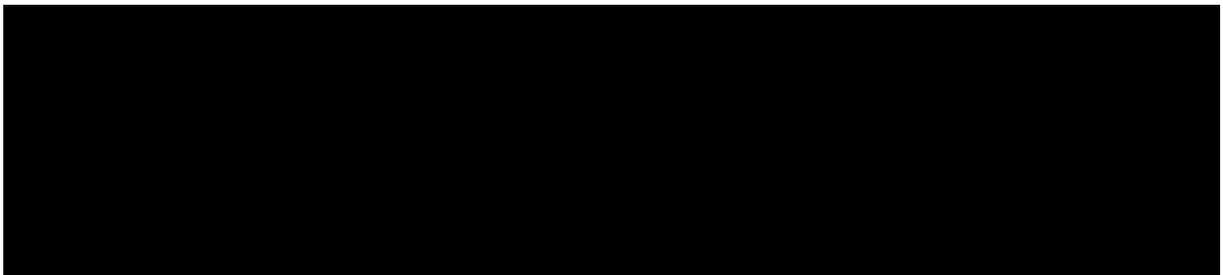


Figura 1.: À esquerda, projeto para o Paralelogramo da Alegria de Owen. À direita, familistério de Guise, na França, construído por Jean-Baptiste Godin.

No campo das utopias tardo-românticas de habitações isoladas, são fundamentais as cidades-jardim de Ebenezer Howard e Raymond Unwin, sintetizadas pelo primeiro no livro *Garden Cities of Tomorrow*, em 1902, mas ainda hoje reproduzidas em muitos contextos por todo o mundo e tendo tornado-se praticamente um padrão em ocupações de baixa densidade.

Dentre as intervenções ou expansões urbanas de grande escala, valem menção

os *Grands Ensembles* de Georges-Eugène Haussmann em Paris, executados de 1853 a 1870; o projeto do *Eixample* (ou extensão) de Barcelona, realizado por Ildefons Cerdá, no qual se destaca a tipologia de quadra urbana adotada e os sistemas de drenagem de águas e esgotos executados a partir de 1860.



Figura 2.: À esquerda, desenho de um bulevar parisiense do plano de embelezamento de Haussmann. À direita, Eixample de Barcelona, projetado por Ildefons Cerdá.

Enquanto propostas de planejamento total das grandes cidades da era industrial, podemos destacar as teorias presentes no livro *Une Cité Industrielle* de Tony Garnier, publicado em 1917, as inúmeras propostas de Le Corbusier, dentre as quais as mais relevantes são os *Immeuble-villas* de 1922, a *Cité Contemporaine pour trois millions d'habitants*, ambos de 1922, a *Ville Radieuse*, publicada em livro de 1935 e o *Plan Obus* para Argel de 1933. Como modelos de cunho mais teórico, são relevantes os esquemas da *Großstadtarchitektur*, de Ludwig Hilberseimer de 1928, e no espírito estadunidense, no contexto da crise da década de 1930, a proposição da *Broadacre City* de Frank Lloyd Wright é bastante representativa do modo particular de relação estabelecida com a natureza naquele país, tema a ser tratado mais detidamente adiante.

Como modelos de moradia urbana, são relevantes os *Hoffe* vienenses construídos nas primeiras décadas do século XX, as *Siedlungen* alemãs de Hannes Meyer, Walter Gropius e outros, postulados na década de 1920, as extensões de Frankfurt realizadas na mesma linha por Ernst May entre 1925 e 1930 e a teoria dos *Condensadores Sociais* soviéticos, tendo no campo da habitação sido executados alguns edifícios prototípicos como o edifício *Narkomfin*, de Moisei Ginzburg e Ignati Milinis, finalizado em 1932 em Moscou.

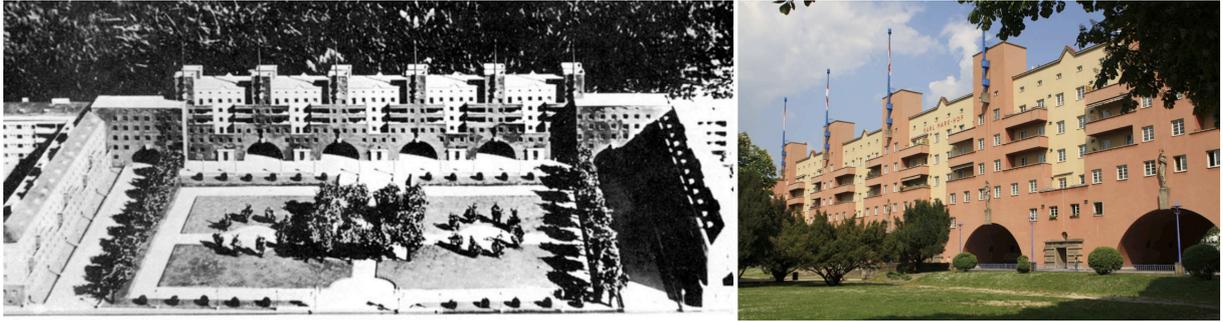


Figura 3.: Karl Marx Hof, em Viena, Áustria. Projeto de Karl Ehn 1930

Como propostas paisagísticas e de embelezamento urbano, já no contexto estadunidense, destacam-se o *City Beautiful Movement* de Daniel Burnham entre 1890 e 1900 e os sistemas de parques urbanos desenvolvidos por Friedrich Law Olmsted e Calvert Vaux para várias cidades dos Estados Unidos entre 1863 e 1893.

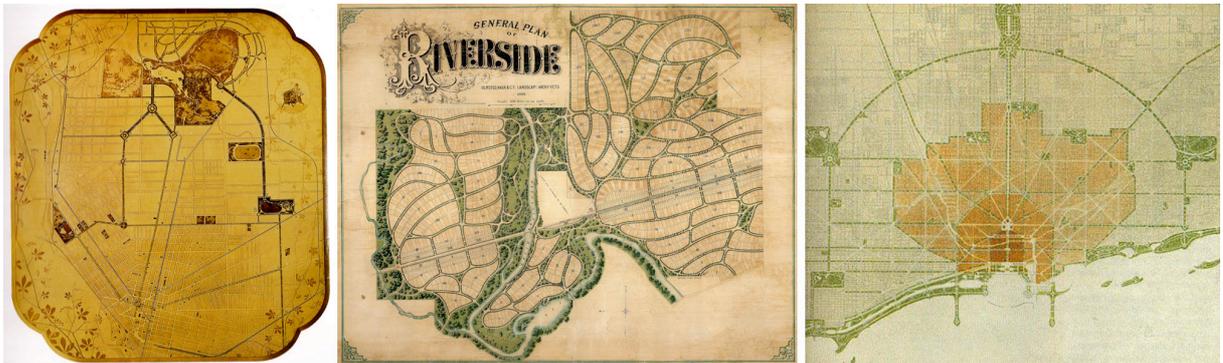


Figura 4.: À esquerda, projeto do sistema de parques de Buffalo, EUA, de Friedrich Law Olmsted. Ao centro, projeto da cidade-jardim de Riverside, EUA, de Olmsted e Vaux, 1869. À direita, plano de Chicago de Daniel Burnham, 1906-1909.

Por fim, mas não menos importante, numa escala de planejamento regional e de macro-escala urbana é marcante o projeto da *Ciudad Lineal* proposto pelo espanhol Arturo Soria y Mata, construído a partir de 1892 em Madri e as teorias do desurbanismo soviético postuladas após a revolução comunista russa de 1917. Panerai aponta a relação dessas teorias tanto com o princípio da urbanização quanto com propostas posteriores a elas:

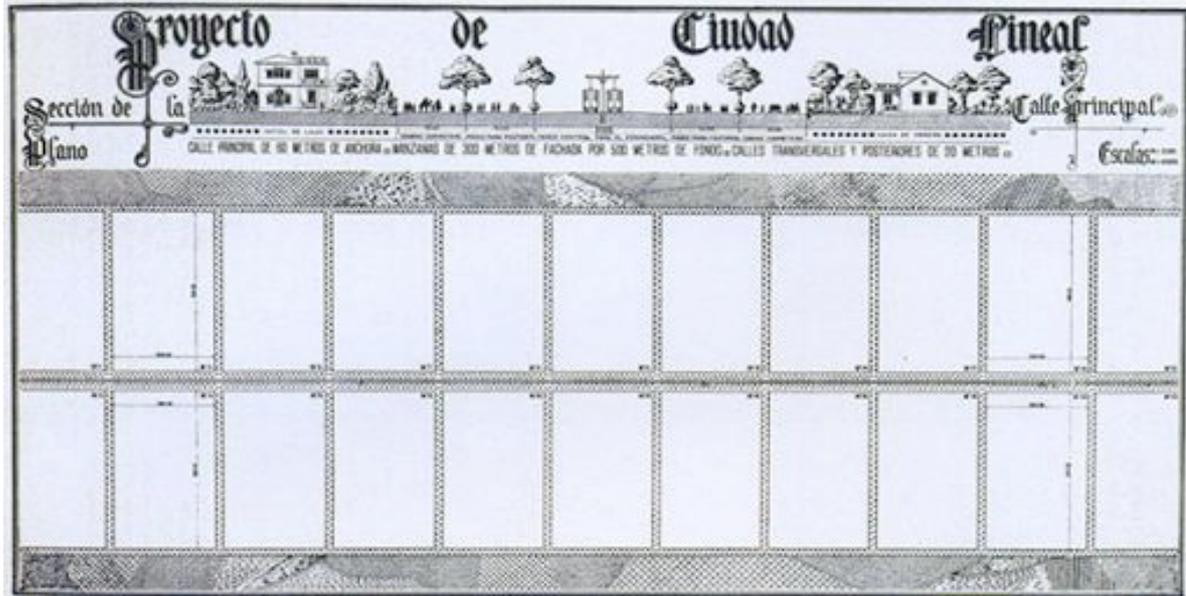


Figura 5.: Projeto da Ciudad Lineal de Arturo Soria Y Mata. 1892

A aldeia-rua primitiva, essa primeira forma de ocupação urbana do território, continua a existir em nossos dias na expansão dos subúrbios, na pavimentação dos caminhos. Ela encontra sua expressão teórica na cidade linear elaborada por Soria Y Mata em 1882, retomada pelos desurbanistas soviéticos e, desde 1929, por Le Corbusier. (Panerai, 2006, p. 18)

Os modelos urbanos baseados na análise e pré-definição dos distintos setores que compõem as cidades, tendo usualmente a habitação como elemento unificador, são partes constituintes das teorias urbanas modernas, em geral de pretensão universalista e fruto da industrialização que se inicia no século XVIII, das mudanças nas condições urbanas decorrentes, no século XIX, e das grandes guerras do XX. Tanto as quadras urbanas de Haussmann ou Cerdá quanto as cidades-jardim de Howard, as *Siedlungen* alemãs ou as propostas megalomânicas de Le Corbusier são tentativas de estabelecer sistemas que fossem aplicáveis às cidades de modo integral, que permitissem o seu controle, manipulação e a previsão do desenvolvimento das atividades humanas naquele território ordenado. Todavia, a passagem do tempo veio provar que, ao contrário do que gostariam os primeiros urbanistas modernos, a cidade definitivamente não é uma máquina.

Hausmann e a gestão capitalista da cidade

O urbanismo houssmanniano nas cidades americanas já foi discutido por inúmeros autores do ponto de vista do desenho urbano e intervenções físicas, podendo ser identificado no traçado de muitas cidades planejadas e intervenções urbanas no continente. A presença da cultura francesa de inspiração positivista ou *Beaux-Arts* ficou marcada nas cidades pela atuação de urbanistas europeus, na maioria franceses ou de formação francesa. Foram elaborados planos urbanísticos sob esta ótica para diversas cidades americanas do século XVIII ao século XX, com recorrente ênfase no sanitarismo e embelezamento. São exemplos o plano de Pierre L'Enfant para Washington já em 1789; os planos para o centro do Rio de Janeiro de Pereira Passos no começo do século XX e de Alfred Agache nos anos de 1930; o plano de Maurice Rotival para a avenida central de Caracas em 1939 e o projeto fundacional da cidade de Belo Horizonte, elaborado em 1895 pelo engenheiro Aarão Reis, este último já nascido e formado no Brasil, dentro da tradição acadêmica francesa então em vigor na Escola de Belas Artes carioca. Arturo Almandoz aborda a fascinação por Haussmann e distingue a partir da leitura de Paolo Sica duas fases em sua influência na América Latina:

Seguindo a revitalização urbana alimentada pela penetração do investimento europeu, na segunda metade do século XIX os *grands travaux* de Haussmann em Paris tornaram-se o principal símbolo de modernização importado por algumas capitais latino-americanas durante sua consolidação republicana. Ansiosos por participar da ordem capitalista-industrialista sintetizada pelo urbanismo haussmanniano, a América Latina independente tornou-se devota daquilo que era visto culturalmente como um produto francês *par excellence*. [...] “pode-se distinguir ao menos duas ondas consecutivas, porém distintas, de 'haussmannização' na América Latina pós-colonial. A primeira levou à 'sistematização' da estrutura urbana das capitais, tendo lugar basicamente nos limites da era colonial, durante a segunda metade do século XIX. [...] A segunda onda incluiu as reformas urbanas e ampliações das capitais latinas até a 2ª guerra mundial, sempre com algum grau de referência ao modelo haussmanniano. [...] Sintetizando ao mesmo tempo o mito metropolitano importado da Europa em industrialização, o exemplo foi utilizado pelas elites locais para demonstrar a transformação cultural de suas cidades pós-coloniais em cidades burguesas.”¹ (Almandoz, 2002, pp. 24-25)

¹ Arturo Almandoz cita a passagem sobre as fases a partir de Paolo de Sica.

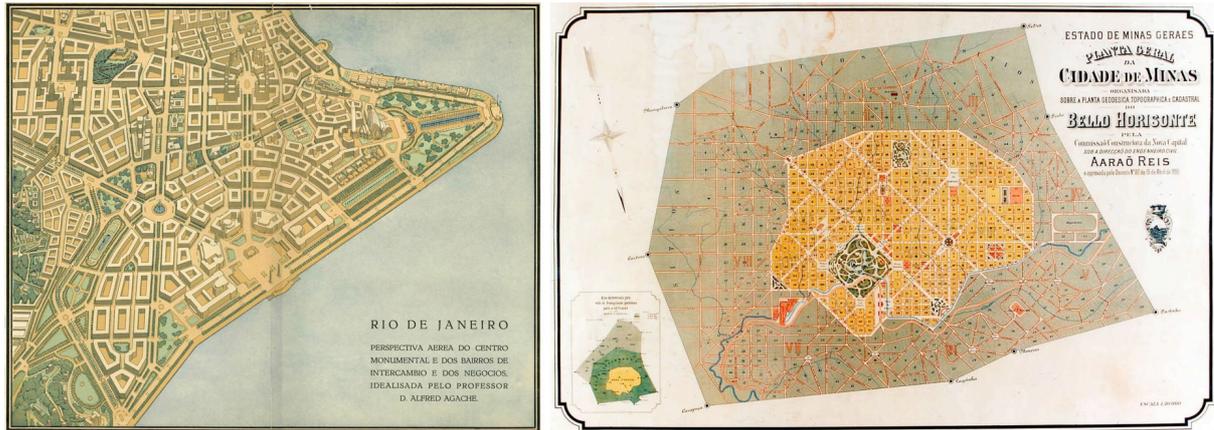


Figura 6.: À esquerda, plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro. À direita, projeto de Belo Horizonte, de Aarão Reis, de 1895.

Segundo Ramón Gutiérrez, baseiam-se na concepção de Haussmann também as ideias de que o plano urbanístico deveria incorporar “a capacidade científica de por um lado representar a realidade existente e por outro de poder atuar sobre essa realidade corrigindo seus defeitos através dos conceitos higienistas, funcionalistas e de arte urbana”². No livro *Formes Urbaines: de l'îlot à la barre*, Philippe Panerai apresenta a estratégia adotada por Haussmann em Paris:

Haussmann toma posse como prefeito de Paris em 29 de junho de 1853. Sua nomeação tem a meta explícita de executar a política de grandes obras solicitada por Napoleão III [...]. Serão necessárias mudanças imediatas no conselho municipal que, embora tenha sido nomeado pelo governo, é considerado intratável. Deve-se criar uma comissão officiosa que terá o controle dos trabalhos e funcionará como uma 'espécie de conselho particular'. [...] Haussmann irá administrar a cidade como um 'bom pai de família', de acordo com as regras de prudência e cuidado que merecem as empresas privadas. Os métodos de Haussmann estão para os de seus predecessores assim como as políticas agressivas do mercado financeiro estão para o capitalismo antiquado dos grandes bancos governamentais. [...] No centro do 'plano de crescimento' que queremos promover, o método é criar um programa de estímulos nos moldes do novo estilo de empreendedorismo, que oferece retornos rápidos, promove o fortalecimento ilimitado dos bancos e que coincidirá com uma acumulação de capital sem precedentes [...]. Haussmann desenvolve como método de gestão a teoria das despesas produtivas. O ponto de partida é a folga no orçamento do município[...]. A teoria das despesas produtivas consiste em priorizar a utilização do excedente, total ou em parte, não para intervenções de curto prazo, mas como empréstimos a juros muito consideráveis no longo prazo. Mas o financeiro municipal não consegue lidar com a expectativa de um

² GUTIÉRREZ, Ramón. O princípio do urbanismo na Argentina. 2007. In: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/216> [acessado em fevereiro de 2014]

recurso rápido e constante, baseado na ampliação da atividade econômica, dos negócios e da população. A riqueza dos contribuintes é a riqueza da cidade. O melhor meio de aumentar o orçamento é estimular o enriquecimento dos contribuintes. As grandes obras são a uma só vez o instrumento e o produto dessa estratégia. A cidade é gerida como uma empresa capitalista. (Panerai, 1977, pp. 13-15)

Se do ponto de vista espacial a influência de Haussmann talvez seja superestimada, no campo da gestão talvez não esteja sendo devidamente criticada. Não é difícil perceber como a gestão atual de muitas cidades no Brasil ainda guarda estreitas semelhanças com a visão financeira de Haussmann, em particular nas ações relacionadas às operações urbanas consorciadas e obras de preparação para grandes eventos esportivos. Nestas ações, é clara a prevalência da visão financista e comercial no manejo do território e sua entrega ao capital especulativo, geralmente em detrimento de iniciativas prioritárias para o bem-estar real da população e para o uso e vivência cotidianos do espaço urbano. A observação de Liernur a partir de sua leitura de Marshall Berman confirma as semelhanças:

É certo [...] que as transformações haussmannianas configuram uma reorganização global do espaço urbano, com o propósito de aumentos vertiginosos na renda com a terra, reorganização do capital financeiro, ocupação massiva de mão de obra e otimização das possibilidades repressivas. (Liernur, 2010, p. 66)

Sem embargo, o autor chama atenção para um aspecto que, embora menosprezado, talvez seja o mais relevante aporte do projeto de Haussmann do ponto de vista do uso do espaço urbano. Fator este lamentavelmente ausente das operações urbanas brasileiras:

[...] o bulevar configura um inédito espaço de confluência, um cenário urbano apto à aparição, pela primeira vez, da grande personagem da metrópole: a multidão. O bulevar é assim sede de novas possibilidades de relações humanas, de novos encontros entre setores até então reclusos em áreas estanques da cidade, de protagonismo, identidade e participação. (Liernur, 2010, p. 66)

Há todavia uma diferença essencial entre os contextos europeu e americano: enquanto em Paris a intervenção de Haussmann era primordialmente corretiva e promovia a abertura de grandes bulevares através da malha secular da cidade existente e ampliando-a, na América os traçados urbanísticos inspirados pelo francês foram principalmente empregados na fundação de novas cidades e na ampliações de setores urbanos ao longo das primeiras décadas do século XX. Outro aspecto de diferenciação entre o urbanismo europeu e o

desembarque da disciplina nos países latino-americanos é ressaltado por Almandoz:

À diferença dos países europeus, onde a consolidação do planejamento foi fortemente associada à mudanças na legislação, tanto em nível nacional quanto local, o urbanismo da América Latina seria proclamado por novos planos para as principais cidades, servindo como manifestos ou certidões de nascimento da nova disciplina. (Almandoz, 2006, p. 86)

De todo modo, o que mais caracteriza – e diferencia – a adoção do traçado francês na América Latina é sua ocupação. À distinção de Paris, sobre os eixos e os bulevares haussmannianos construiu-se a no continente americano a cidade moderna do século XX, com sua arquitetura geométrica e na maioria das vezes, verticalizada, alcançando nesse processo significado bastante distinto daquele presente no contexto original europeu.

Europeus na América e os Planos Urbanos

Aquilo que conhecemos como tradição acadêmica foi, de fato, o começo de uma revolução, e não o fim de um período de declínio. (Colquhoun, apud Ábalos, 2005)³

As teorias urbanísticas de finais do século XIX e princípios do XX refletem diretamente na configuração das grandes metrópoles latino-americanas. Uma vez que a urbanização destes núcleos urbanos é bem mais recente que na Europa, o urbanismo moderno – em sentido amplo – determinou em grande medida a fisionomia de cidades como São Paulo, Belo Horizonte, Caracas, Bogotá, Havana, Buenos Aires, Cidade do México, Santiago, Washington ou Chicago. Muito embora algumas delas tenham sua origem no *damero* fundacional e a maior parte de seu território tenha sofrido massivas expansões posteriores, o traçado das áreas centrais de tais cidades guardam ainda legíveis uma concepção acadêmica ou positivista que caracteriza fortemente sua imagem urbana.

A atuação dos urbanistas europeus – em grande maioria franceses – na América Latina tem seu início com a chegada de Grandjean de Montigny ao Rio de Janeiro no ano de 1816, apenas oito anos depois da transferência da coroa portuguesa para o Brasil. Já na virada do século XX, Charles Thays, Édouard André e Eugène Courtois são chamados a Buenos Aires para realização do Parque de Palermo, remetendo ao parisiense *Bois de*

³ “*The Modern Movement in Architecture*”, 1962. Citado por ÁBALOS e HERREROS. *Tower and Office*, p. 9.

Boulogne e ao *Central Park* de Nova York. Posteriormente, em 1907, Joseph Bouvard (Diretor da Exposição de Paris de 1900) é responsável pelos planos de Buenos Aires e Rosário, e em 1937 Maurice Rotival elabora o plano diretor de Caracas, que entretanto seria reelaborado nos anos de 1950, já segundo os preceitos postulados pelos CIAM.⁴

São relevantes também ao longo de século XX as propostas e realizações de Antonio Bonet, Wladimiro Acosta e Fermín Berterbide na Argentina, além das críticas de Werner Hegemann em sua passagem pela capital em 1930. Jean-Claude Forestier atua em Buenos Aires e Havana, Maurício Cravotto no Uruguai e Pedro Martínez Inclán em Cuba. O Brasil recebe contribuições seminais de figuras como o sanitarista Saturnino de Brito em diversas cidades, Prestes Maia com prefeito de São Paulo, Aarão Reis com o projeto de Belo Horizonte, Pereira Passos e Alfred Agache no Rio, sendo que este atua também em Curitiba. Destacam-se ainda os manuais de urbanismo de Karl Brunner editados na Colômbia e seus projetos para Bogotá e Santiago do Chile e os planos para a *Companhia City* de São Paulo elaborados por Barry Parker e Raymond Unwin, este um dos pioneiros das cidades-jardim inglesas, juntamente com Ebenezer Howard. Já em meados do século XX, o alemão Hannes Meyer retorna de sua estada em Moscou, trabalhando e lecionando no México de 1939 a 1941 e a firma *Town Planning Associates*, de Josep Luis Sert e Paul Lester Wiener realizam planos urbanos para diversos pontos do continente.

Deste modo, muitas das grandes cidades latino-americanas compartilham uma história de visões urbanísticas distintas, sobrepostas em curtos intervalos de tempo. São legíveis tanto as quadriculas dos traçados coloniais, quanto as primeiras extensões acadêmicas, as quais se seguiram expansões mais amplas nos anos 40 e 50, já dentro do espírito do urbanismo racionalista. Entretanto, a verdadeira explosão urbana ocorrida a partir dos anos 60 na América Latina foi primordialmente realizada pela especulação imobiliária, sem muito planejamento e pouco controle estatal. Prática esta que, ao fim e ao cabo, acaba por edificar grande parte do território das metrópoles latino-americanas e imprimir a elas um caráter fundamentalmente distinto das cidades tradicionais europeias.

Enquanto na Europa a configuração urbana mais recorrente consiste em um casco histórico secular de ocupação espontânea e desordenada cercado por expansões planejadas, na América Latina a situação se inverte: em geral encontra-se um centro planejado ao longo dos séculos XVI a XIX, ou mesmo princípios do XX, mas a seguir o controle se

⁴ Ver: SEGRE, Roberto. *In: Urbanismo na América do Sul*, 1999. p. 94. e GUTIÉRREZ, Ramón. O princípio do urbanismo na Argentina. 2007. In: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/216>

perde, sendo o núcleo original circundado de enormes expansões descontínuas e fragmentadas, muitas vezes alheias a toda forma de planejamento.

Cidades jardim e torres na natureza

As principais tentativas de conciliar no âmbito urbano as múltiplas e cada vez mais complexas atividades humanas propostas para a cidade moderna levam em conta este desejo de articular de modo harmônico a cidade e a natureza. Dentre as diversas gradações possíveis de estabelecer os parâmetros de tal relação, destacam-se dois extremos. A cidade-jardim *versus* a torre na natureza: de um lado o retorno ao bucolismo campestre e de outro a organização total da vida urbana como modo de ordenar o mundo, como bem colocado por Adrián Gorelik a partir da teoria de Tafuri de Nostalgia e Plano:

Nostalgia para ordenar o caos do presente e Plano para neutralizar o medo do futuro: na encruzilhada desses dois impulsos nasce a cultura arquitetônica de vanguarda na década de 1930 na América Latina. Nostalgia e Plano: toda indagação sobre as vanguardas latino-americanas deve encarar o problema de uma cultura arquitetônica cuja configuração moderna reconhece essa origem cruzada, porque ela afeta a própria noção de vanguarda. (Gorelik, 2005, p. 15)

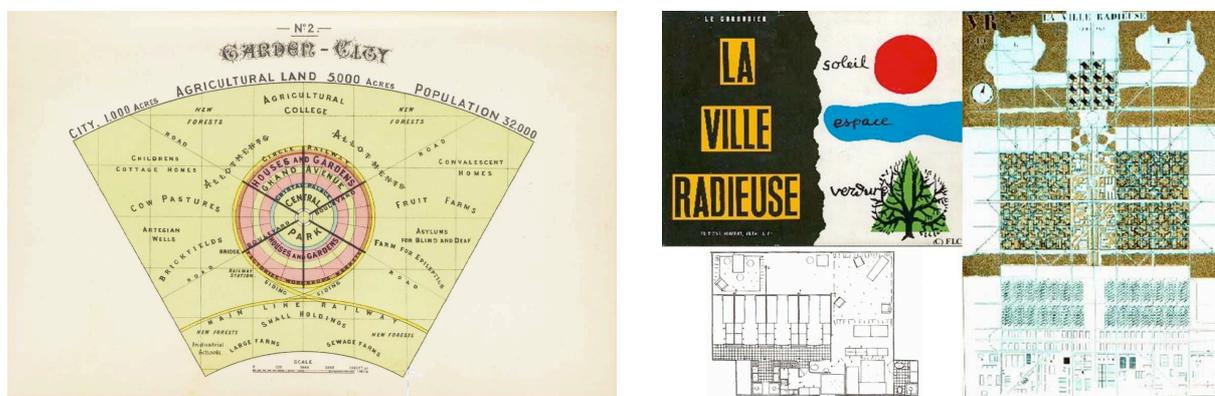


Figura 7: À esquerda, diagrama da Cidade Jardim de Ebenezer Howard. À direita, croquis da *Ville Radieuse* de Le Corbusier

Estes dois modelos podem ser entendidos como formas extremas de mediação da dialética entre o homem e a natureza, entre a cidade moderna e o campo, agora também ordenado e controlado. Entre eles situam-se, em diversas gradações, os demais modelos propostos, tanto os que ficaram no papel quanto os que a partir dele tomaram vida própria. Em um extremo, a tipologia de residências unifamiliares inseridas em uma vizinhança

bucólica com seu próprio jardim, afastada do caos urbano; no extremo oposto, a ideia da concentração máxima de moradias mínimas em blocos verticais como estratégia de liberação de grandes áreas verdes de uso público e coletivo e distanciamento do tráfego de veículos. Em comum, a mesma questão: a perda do ambiente tradicional da rua, no qual os acontecimentos se sobrepõem, desconhecidos se cruzam e o inesperado se dá. Em suma: o espaço onde a cidade acontece. A viagem ao Rio de Janeiro em 1929 enseja em Le Corbusier uma série de reflexões acerca desta dialética, em sua intrínseca relação com as dualidades homem-natureza / cidade-campo discutidas em 4.2.2.:

[...] quando se é urbanista e arquiteto, com um coração sensível às magnificências naturais e um espírito ávido por conhecer o destino de uma cidade, quando se é homem de ação por temperamento e pelos hábitos de toda uma vida; então, no Rio de Janeiro, cidade que parece desafiar riosamente toda colaboração humana com sua beleza universalmente proclamada, somos acometidos por um desejo violento, quem sabe louco, de tentar também aqui uma aventura humana – o desejo de jogar uma partida a dois, uma partida 'afirmação-homem' contra ou com 'presença-natureza'. [...] Eu jurei que não abriria a boca no Rio e eis que sinto uma necessidade invencível de falar. (Le Corbusier, 2004 [1930], p. 229)

Quanto a esta passagem, as autoras de *Le Corbusier e o Brasil* comentam que:

O que interessa salientar é que a partir da visão da paisagem carioca, o pensamento corbusiano reconstrói seu ideal urbano como o de uma 'cidade riosamente verde'. Esse ideal ignora o valor romântico da volta ao campo, baseado num sonho à la Jean-Jacques Rousseau, e insiste em reforçar o estatuto 'urbano', considerado 'inerente à natureza humana'. Relações homem-natureza, cidade-campo, que o arquiteto define contra o postulado das cidades jardins periféricas e contra as experiências soviéticas de 'desurbanização' que acabara de observar. (Santos et al., 1987, p. 21)⁵

Considerações finais

Grande parte dos projetos de cidades novas, expansões e novos conjuntos urbanos construídos de forma planejada em todo o mundo nos últimos cem anos partem da aplicação em maior ou menor grau de alguma das teorias mencionadas acima. Praticamente todos estes modelos foram de algum modo realizados na América, quando não apenas na América. Aplicadas de modo estrito, combinadas ou mesmo totalmente reformuladas,

⁵ SANTOS e PEREIRA. *Le Corbusier e o Brasil*. 1987, p. 21.

podemos encontrar no continente americano a realização concreta – algumas vezes de forma precipitada e pouco refletida – de tais propostas. As condições atuais dos contextos urbanos e arquiteturas fruto da implementação de tais modelos teóricos é objeto de interesse por diversos estudiosos atuais, uma vez que o entendimento das decorrências de tais implantações em tão distintos contextos tem muito a contribuir tanto na reflexão sobre as cidades atuais quanto na construção de uma historiografia arquitetônica e urbanística propriamente americana, e particularmente latino-americana.

Bibliografia

Ábalos, Iñaki e Herreros, Juan 2005, *Tower and Office: from modernist theory to contemporary practice*, Cambridge, MIT Press.

Almandoz, Arturo 2002. *Latin American Capital Cities 1850-1950*, London and New York, Routledge.

Almandoz, Arturo 2006. Urban planning and historiography in Latina America. *Progress in Planning* [Em linha] 65. Disponível: www.elsevier.com/locate/pplann [acessado em fevereiro de 2014]

Giedion, Sigfried 2004. *Espaço, Tempo e Arquitetura: O desenvolvimento de uma nova tradição*, São Paulo, Martins Fontes.

Gorelik, Adrián 2005. *Das Vanguardas a Brasília: Cultura Urbana e Arquitetura na América Latina*, Belo Horizonte, Editora UFMG.

Gutiérrez, Ramón 2007. O princípio do urbanismo na Argentina. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/216> [acessado em fevereiro de 2014]

Le Corbusier 2004. *Precisões: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*, São Paulo, Cosac & Naify, 2004. [1ª edição francesa: 1930]

Liernur, J.F. 2010. *Arquitectura, em teoría: Escritos 1986-2010*, Buenos Aires, Nobuko.

Panerai, Philippe; Castex, Jean; Depaule, Jean-Charles 1977. *Formes urbaines: de l'îlot à la barre*, Paris, Dunod.

Panerai, Philippe 2006. *Análise Urbana*, Brasília: Editora UNB.

Santos, Cecília Rodrigues; Pereira, Margareth da Silva 1987. *Le Corbusier e o Brasil*, São Paulo, ProEditores/Tessela.

Segre, Roberto 2009. *Mestres e discípulos no urbanismo latino-americano (1920-1940)*:

Buenos Aires e Havana, duas cidades paradigmáticas. In: Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo 1920-1960. Salvador: EDUFBA.